



1290000115



FE
TCC/UNICAMP P414o

MARIÂNGELA MELLO PEREIRA

OLHOS, IMAGEM E AÇÃO:

MORGANA: FEITICEIRA, MÃE E PROFESSORA

CAMPINAS, MAIO DE 1998

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
EP-809 – Trabalho de Conclusão de Curso II

OLHOS, IMAGEM E AÇÃO:

Morgana: Feiticeira, Mãe e Professora

Mariângela Mello Pereira

R.A. – 92.1000

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para o curso de Pedagogia, com
habilitação em Magistério do Pré-
Escolar, da Faculdade de Educação,
sob a orientação do Prof. Dr. Milton
José de Almeida e a colaboração de
Rosália de A. Scorsi e Wenceslao
Oliveira.

Campinas, maio de 1998

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA:	YCC/UNICAMP
	P4140
V:	EX:
TOMBO:	115
PROC:	124/03
C:	D:
PREÇO:	R\$ 11,00
DATA:	31.10.2003
Nº CPD:	mb ad 31 0484

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

P4140

Pereira, Mariângela Mello.

Olhos imagem e ação : Morgana : feiticeira, mãe e professora / Mariângela Mello Pereira. -- Campinas, SP : s.n.], 1998.

Orientador : Milton José de Almeida.

Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Televisão. 2. Verdade. 3. Autoridade. 4. Didática.
I. Almeida, Milton José de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

À meu pai, que infelizmente o tempo não permitiu que sua vida terrena fosse longa suficiente para que ele pudesse desfrutar outros momentos felizes conosco.

Agradeço

A minha mãe, por me ouvir e amparar, por me amar, por ser especial, por ser mãe e amiga.

A Marininha, que com olhar meigo de criança me forneceu instrumentos para completar este trabalho.

Ao Mau, que demonstrou interesse e respeito pelos meus pensamentos, me ajudou com paciência e carinho.

As meninas, Simone e Jane: valeu por tanta troca e energia boa.

Ao Wences e a Lia, pelos enormes toques, pela dedicação, por disporem horas de suas vidas em minha função e deste trabalho e também por transmitirem conhecimentos tão preciosos.

Ao Milton, mestre verdadeiro que admiro muito. Um profissional com enorme capacidade intelectual, que contribuiu muito para minha formação profissional e pelas transformações dos meus conhecimentos, e também sem o qual a realização deste trabalho não poderia ser concretizado.

"O Castelo Rá-Tim-Bum é um programa educativo e que ajuda as crianças aprenderem quanto mais for possível".

(Marina , 8 anos)

"É preciso pois, admitir que a verdade pode estar presente, oferecendo-se a vista de todos, mas em um campo no qual não se tem o costume de aprofundar as investigações"

(Palmier)

"A verdade tem muitas faces e assemelha-se a velha estrada que conduz... O lugar para onde o caminho nos levará depende da nossa própria vontade e de nossos pensamentos".

(personagem Morgana, do livro

As Brumas de Avalon de Marion Zimmer Bradley)

Sumário

Resumo	1
Introdução	2
Televisão, Comunicação de Massas e Entretenimento	4
CASTELO RÁ-TIM-BUM: Um Breve Comentário	9
“Morcego, Ratazana, Baratinha e Companhia, Está na hora da FEITIÇARIA !!!!!”	12
Bibliografia	23

Lista de Ilustrações*:

Castelo Rá-Tim-Bum	8
Morgana e Adelaide	11
As Maças de Morgana	22

ANEXO:

Fita VHS com as cenas de Morgana nos episódios:

- Travessura de Cupido
- Levanta a Poeira
- Com que Roupa eu Vou

* fonte: Revista Castelo Rá-Tim-Bum do jornal “O Estado de São Paulo”, 1998.

RESUMO

Este trabalho consiste inicialmente em uma breve análise sobre meio de comunicação de massa, televisão, indústria cultural e cultura de massa.

Mais especificamente, o trabalho apresenta uma discussão sobre o programa educativo da Rede Cultura de televisão destinado ao público infantil: Castelo Rá-Tim-Bum. Partindo daí um enfoque mais detalhado a respeito de uma das personagens do programa : Morgana.

O trabalho procura discutir as características da personagem e entender seu papel e importância no conjunto do programa.

Introdução

Mesmo sendo considerado o meio de comunicação de massa (MCM) mais importante do mundo, a audiência da TV obteve uma queda. *“A obra realizada pelo instituto EurodataTV, que conferiu sua pesquisa através de índices de audiência e o tempo gasto diante da TV relativos a 45 países, revela que as pessoas do mundo todo passaram menos tempo diante da TV em 1997”* (FSP, 26/04/98).

A queda da audiência mundial foi de um minuto e meio em relação a 1996. Porém, em 1997, no Brasil o tempo gasto em frente à TV aumentou um minuto e meio por dia. Na classificação por gêneros feita pela pesquisa EurodataTV, o programa de maior audiência brasileiro é a telenovela “Por Amor”, categoria ficção de TV, atingindo 43 pontos, sendo que cada ponto é referente a 80 mil telespectadores na Grande São Paulo. O papel da TV como meio de comunicação de massa mantém-se e cresce inegavelmente no país.

O interesse por discutir televisão, indústria cultural e cultura de massa é, assim, algo que se intensifica progressivamente. E é nos marcos desta temática que o presente texto se situa, sendo portanto esta trabalhada em linhas gerais no seu desenvolvimento.

Anteriormente a este trabalho, o tema televisão já foi objeto de estudo de um projeto de pesquisa escrito no segundo semestre de 1996 por mim e as duas colegas de curso Simone Franco e Jane Bueno. Por ser um assunto de grande interesse, resolvemos fazer deste projeto nosso Trabalho de Conclusão de Curso.

Para isso, deveríamos poder contar com um professor que tivesse a disponibilidade de nos orientar. Contudo, neste primeiro momento, não contamos com a ajuda da Coordenação do curso, que exige um orientador para o TCC, mas não exige dos professores disponibilidade para tal. Após meses de busca e muita paciência nossa, o Professor Milton José de Almeida e seus colaboradores Rosália de A. Scorsi e Wenceslao Oliveira nos receberam no Laboratório Olho para nos orientar. E o fizeram como verdadeiros mestres no difícil e muitas vezes confuso caminho.

No desenrolar do trabalho, durante vários encontros, discussões, trocas de experiências feitas entre nós e o grupo, os caminhos foram sendo determinados. Optamos por analisar apenas o programa infantil da TV Cultura “Castelo RÁ-TIM-BUM”, pois no início de nossa pesquisa o programa da Rede Globo Angélica também se incluía. Os objetivos de cada uma de nós foram sendo definidos e nossos trabalhos apresentam enfoques diferentes, mas sempre complementando-se um ao outro.

Neste texto, tento discutir a televisão como meio de comunicação de massa, cultura de massa e indústria cultural, e como o programa Castelo RÁ-TIM-BUM apresenta-se como uma proposta alternativa dentro deste contexto.

Mais especificamente, o presente trabalho faz uma análise referente à personagem *Morgana*, que compõe o programa.

As discussões que aqui se seguem serão realizadas a partir do meu modo particular de olhar e perceber a realidade. Para uma melhor análise, procurei também dissociar-me de certa rejeição pessoal pelos programas das televisões comerciais, os quais reproduzem de maneira simplista e deturpam os fatos que constroem a realidade cotidiana.

Televisão, Comunicação de Massas e Entretenimento Educativo

A televisão comercial, no ímpeto de garantir consideráveis pontos na mídia, confirmando cada vez mais seu papel capitalista, torna seus programas com mero objetivo de distração. *“Hoje em dia, a função de distrair claramente passou a frente das outras funções designadas para a televisão, como também das outras formas de seu uso social”*. (M. e A. Matellart, p.166). Esta tem a função ambígua de informar limitadamente e desinformar por ser limitada. Composta de imagens, sons e palavras faz parte da rotina de milhares de pessoas interferindo direta ou indiretamente na formação e no desenvolvimento cultural e social.

Como principal e mais utilizado meio de comunicação de massa dos últimos tempos, carrega a responsabilidade de informar e entreter o telespectador. Entretanto, um entretenimento como aprendizado cultural é uma idéia pouco difundida, uma tentativa frustrada de democratização da cultura.

“Se a cultura é um fato aristocrático, o cioso cultivado, assíduo e solitário de uma interioridade que se apura e se opõe à vulgaridade da multidão,...então só o pensar numa cultura partilhada por todos, produzida de maneira que a todos se adapte, e elaborada na medida de todos, já será um monstruoso contra-senso” (Eco, 1970, p.08)

A indústria cultural é um evento histórico desde o início do comércio industrial do jornal impresso. Assim como a imprensa escrita, a televisão comercial invadiu o mundo com ideologias do igualitarismo, de soberania popular e, enorme demagogia. A indústria cultural implica em um sistema de condicionamento do homem através da cultura de massa. Faz do homem não um indivíduo, mas o transforma em uma personagem insignificante da coletividade. Para fazer parte de um coletivo significativo, ou seja, um homem com ideais, verdades, idéias e opiniões, é necessário a constituição do indivíduo.

Concordo com a idéia, bastante difundida na literatura relativa à cultura de massa, sobre a deturpação da autêntica expressão cultural. A cultura de massa degenera a cultura popular que, aos poucos e devido a esta apropriação pela indústria cultural, perde seu sentido próprio e acaba por ser confundida com a cultura de massa.. O contato cultural, o intercâmbio de culturas, sem que uma seja substituída pela outra é importante, constituindo e reformulando a história. Dessa forma, as confluências de culturas podem ser “boas e más”, como diz Marcondes (1987), dependendo dos efeitos causados sobre os indivíduos que absorvem esta troca cultural em suas vidas.

“A televisão reduz o mundo a fantasma, e bloqueia, portanto, toda a reação crítica e toda resposta operativa nos seus adeptos” (Eco, 1970,p.21 comentando Güther Anders). Torna-se fantasma quando refletimos sobre os programas televisivos e observamos uma realidade inexistente nas classes mais baixas ou mais desfavorecidas financeiramente, as quais podem chegar a tomar essa realidade não vivida como situações modelo.

Todo e qualquer tipo de sentimento pode ser despertado pelos programas televisivos, mesmo sabendo-se que de ínfima qualidade seja o estímulo que nos perturba. Não se sabe claramente de onde vem todo o fascínio das pessoas pela televisão: talvez da atração pelo mistério televisivo, ou talvez da distração da realidade, muitas vezes tão difícil, ou talvez até mesmo por ser a televisão muito bem feita, o que faz com que até para construirmos uma crítica negativa manifeste-se um irresoluto complexo de amor-ódio. Mesmo porque essas críticas para serem conhecidas precisam antes serem veiculadas, e uma das formas para que isto se concretize é através da própria televisão.

É também através da *massmedia* (MCM) e das confluências culturais que a cultura se renova e que as mentes críticas e questionadoras se criam. Isto é possível quando consideramos que o telespectador não é totalmente manipulável, tendo o discernimento e livre-arbítrio quanto aos programas que vai se permitir assistir. Enzensberger (1995) observa que quem manipula a mídia é o próprio espectador para que seus desejos sejam implementados:

"Qualquer um que não concorde com esses desejos é punido com a negação do amor e com um apertar de um botão; qualquer um que os realize e leve em consideração é recompensado com maravilhosos índices de audiência", (1995, p.79).

A afirmação acima torna-se curiosa quando podemos perceber que os programas televisivos não são de boa qualidade cultural, porém impressionam por seus recursos de imagens e sons. Posso concluir, portanto, já que o telespectador não se deixa manipular, que sua exigência cultural não é grande estando satisfeito com programas que garantem a passividade intelectual e o conformismo de si próprio e de sua situação social.

Muitos programas televisivos têm alto índice de audiência exatamente por afastarem o telespectador de sua situação real, e com isto a televisão cumpre o objetivo de distração e alienação atingindo a necessidade do telespectador. Estes demonstram não estar muito empenhados e dispostos a ouvir e ver assuntos reais e de importância quem sabe, mundial. Concomitante Enzensberger cita:

"...temos sempre uma espécie de perturbação de imagem toda vez que algo semelhante a um conteúdo aparece no fluxo da transmissão, alguma notícia verdadeira ou até mesmo um debate capaz de trazer consigo lembranças do mundo real. O espectador fica espantado, esfrega os olhos e estende a mão para pegar o controle remoto". (1995, p.80)

Marcondes conclui com as palavras abaixo em uma exposição de pensamentos que faz a respeito de telenovelas da Rede Globo:

"Na dinâmica dos produtos, no seu movimento, na estruturação dos diálogos, na reconstrução dos ambientes e cenários está a venda uma visão de mundo (em geral conformista e submissa), que o receptor compra e aparentemente se satisfaz achando que comprou crítica, questionamento e reflexão. ... é mais eficiente – e mais seguro- garantir a passividade das massas diante do aparelho de T.V., fazendo-as dançar ao som do ritmo da produção capitalista, mesmo que a letra da canção seja 'revolucionária' " (1987, p.80).

Exatamente por concordar com as premissas colocadas nos trechos acima, penso que a Rede Cultura de televisão foge em alguns pontos do que está aí, do mesmo modo, o programa infantil RÁ-TIM-BUM também difere dos programas infantis transmitidos pelas emissoras comerciais. Por isso faço dele meu objeto de análise.

O programa cumpre a proposta de lei de transmissão fornecendo "educação, conhecimentos úteis e entreterimento". Mesmo com a exploração comercial através da edição de livros, CDs e brinquedos do Castelo, o respeito à proposta educativa e não comercial da emissora para com o telespectador não fugiu à regra do programa. Para quem ainda não o conhece, o ítem a seguir demonstra uma breve descrição do programa.



CASTELO RÁ-TIM-BUM: Um Breve Comentário

O programa, direcionado para crianças entre 4 a 8 anos, estreou na T.V. Cultura em 1994. Os episódios inéditos foram exibidos até 1995, mas até este ano (1998) a emissora reprisa os programas obtendo uma alta audiência. Após o sucesso do programa foram editados livros pela Cia. das Letrinhas, fitas de vídeo, CD's e brinquedos.

Castelo Rá – Tim – Bum é transmitido de segunda a sexta-feira, em três horários: 10h, 15h30min e 19h., com reprises aos sábados e domingos. Tem como diretor o cineasta Cao Hamburger que relata:

“A primeira coisa que eu pensei foi fugir do esteriótipo de castelo de contos de fada, de castelo de bruxa, castelos europeus. Fazer outra coisa. A primeira coisa era um castelo que ficasse dentro da cidade, não era aquele negócio de um castelo que ficasse no alto da colina. E ele teria que ser uma coisa misteriosa e ao mesmo tempo alegre”.¹

A consultora pedagógica do programa é Zélia Cavalcante. Para ela: *“O Castelo vai ser um programa muito rico de informações e as crianças vão ficar muito espertas sobre várias questões que normalmente não chegam até elas. Não substituem a escola. São um complemento da escola”.* (Ibid)

O programa já ganhou medalha de prata no 37º Festival de Nova York e o prêmio de melhor produção infantil da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), 1994.

No Castelo vivem várias personagens, entre elas: Nino; um “garoto” de 300 anos, aprendiz de feiticeiro, assistente de seu Tio, Dr. Victor, um mago. Morgana, uma feiticeira com 5999 anos, já viveu em muitas épocas e lugares. Por este motivo tem muitas histórias para contar, explicando para Adelaide (uma gralha) como as coisas aconteceram. Cada história é contada de acordo com o tema (alimentação, transporte, gravidez e nascimento, higiene, etc) do programa.

Também fazem parte das personagens do Castelo:

¹ “Bastidores do Castelo” reportagem de Renata Ceribelli, TV Cultura, exibido em 07 de maio de 1994

- * Porteiro, guarda os portões do Castelo e, para que possam entrar, as pessoas têm que solucionar as charadas que ele faz, ou descobrir a senha que também é de acordo com o tema do dia .
- * Gato Pintado, vive na biblioteca conhece tudo sobre literatura, adora ler estimula o gosto pela leitura e esclarece dúvidas.
- * Cobra Celeste, mora em uma árvore dentro do Castelo.
- * Mau e Godofredo vivem nos encanamentos do Castelo. Mau é um bicho peludo que tenta ser mau, mas é muito atrapalhado; também inventa alguns enigmas para as crianças telespectadoras resolverem, Godofredo é o seu ajudante.

Existem também o Relógio que avisa a hora que o Dr. Victor chega e anuncia a participação da Morgana; o Fura-Bolo, um dedo que ensina contar; Tap e Flap as botas que fazem comentários engraçados e rimas; os Pássaros Cantores, que trazem um som e seu respectivo instrumento; um Ratinho, que transmite noções de higiene através de músicas de vários estilos.

Participam do Castelo outras personagens que sempre aparecem, por lá, para uma visita. São eles: Tíbio e Perôneo, dois cientistas gêmeos que trabalham em um laboratório com vários objetos estranhos e invenções curiosas; Bongô, entrega pizzas; Caipora, que vive na mata e quando as crianças assobiam ela aparece com histórias a respeito de meio ambiente, folclores e os seres que vivem na floresta; Pedro, Biba e Zequinha: três crianças de idades diferentes, entre 4 a 12 anos, que vivem na cidade e vão todos os dias ao Castelo depois da escola para brincar com o Nino.

O eixo do programa gira em torno dessas quatro crianças. Em cada programa exploram um tema diferente com muita criatividade. Têm a ajuda das demais personagens e de um cenário colorido e com muitos detalhes projetado por Marcelo Oka. O cenário foi construído dentro do estúdio e todos os elementos que o compõe foram elaborados para o programa.

Em cada programa vão sendo introduzidas várias curiosidades através de quadros que ilustram o tema. O programa tenta passar alguns conhecimentos para o público alvo como história, ciências, geografia, matemática, música, artes plásticas, ecologia, cidadania, e raciocínio lógico de uma forma gostosa e divertida, informando e brincando.



“Morcego, Ratazana, Baratinha e Companhia.... Está na hora da FEITIÇARIA !!!!!!!”

O trabalho procura discutir as características da personagem Morgana e entender seu papel e importância no conjunto do programa. A personagem Morgana do Castelo RÁ-TIM-BUM, tem 5.999 anos, em todo e qualquer episódio transmitido pela emissora, explicitando a atemporalidade do Castelo. Morgana possui o papel de esclarecer o tema central do programa, através da narrativa de histórias ditas e vivenciadas por ela e contadas a Adelaide. Ela conta os fatos históricos com muita clareza e confiança, conferindo veracidade com imagens dos fatos, desenhos ou documentários exibidos por um projetor que recebe o nome de Felisberto.

Morgana possui o papel explícito de uma **feiticeira** que conta histórias. Implicitamente, Morgana ocupa na estrutura das personagens do programa um papel fundamental, o de **mãe** e **professora**. É interessante notar que, apesar do universo do programa ser o universo da fantasia, as personagens ocupam papéis correlatos ao universo real da criança. A estrutura básica deste universo real é dada pelos pais, professora(es), irmão/amigos, animais domésticos. Dr. Vitor, por exemplo, ausente ao longo do dia e sempre muito esperado pelas crianças (principalmente quando estas encontram-se em situação difícil), envolvido com seus assuntos pessoais, mas sem deixar de estar atento às situações ocorridas no Castelo, ocupa um papel tipicamente paternal. Morgana, por sua vez, sempre presente no Castelo, é quem leva as crianças para passear, coloca ordem no Castelo e detesta que suas coisas sejam mexidas, é quem ensina boas maneiras ao Nino e transmite diversas lições à criança telespectadora através de suas histórias. Enfim, Morgana é tipicamente mãe e professora.

Neste papel triplo de feiticeira, mãe e professora, Morgana possui uma característica básica central: ela é sempre **portadora da verdade**. Assim como uma feiticeira, uma mãe e uma professora o são. É o que procurarei mostrar na discussão abaixo sobre a personagem.

Cabe ainda notar que, dadas estas características da personagem, muito feliz e sugestiva é a própria escolha do nome "Morgana". Morgana, lendária figura dos contos medievais anglo-saxões, além de ser uma das bruxas mais famosas nos dias de hoje, é uma personagem que sintetiza os atributos da essência feminina.

Morgana Feiticeira

Como é o lado explícito da personagem, o lado feiticeira?

O aposento de Morgana está localizado na torre do Castelo, de onde tem a possibilidade de observar tudo o que acontece à sua volta. Através de uma luneta, observa a cidade, as pessoas e suas ações, sente-se no direito de julgar e interferir nas ações das pessoas.

A decoração tem cores mais escuras e envelhecidas que no restante do castelo. A iluminação por velas que estão sempre acesas, contribuem para a decoração tornar-se um pouco sombria. Na parede há ausência de quadros, mas existem vários bustos de damas antigas. Sua cama é coberta com um enorme véu branco, lembrando camas de rainha. A enorme cadeira verde também traz referências de um trono real, além do divã vermelho e suntuoso. Enfim, todos objetos do aposento de Morgana são peças de antiguidade, fazendo resgatar em nossa imaginação o passado da realeza.

Contrastando com a suntuosidade, há um enorme caldeirão muito pouco utilizado, mas sempre saindo fumaça, e alguns vidros com poções coloridas e mágicas.

As roupas de Morgana são longas e escuras. Algumas vezes usa enormes capas e uma coroa brilhante, e mais uma vez a personagem da feiticeira confunde-se com a de uma rainha, e porque não lembrar, Morgana de Avalon também era uma rainha.

As expressões corporais e faciais de Morgana são constantes, sempre dirige os olhos para a câmera que a segue a todo momento de sua fala.

A maquiagem concentra a cor escura nos olhos e nas sobrancelhas altas, a pele tem tom pálido e os lábios são bem avermelhados. Este conjunto retrata a imagem que impõe um certo respeito e ao primeiro olhar um sentimento de medo. Nas raras vezes em que Morgana demonstra-se irritada, com essa aparência sombria não precisa se esforçar muito para manifestar seu descontentamento.

Quando a personagem é “anunciada”, antes da cena iniciar-se em seu aposento é passada ao telespectador a visão do lado de fora do aposento, a torre do Castelo, com uma música de suspense. Toda história contada por Morgana também tem uma música de fundo, que é mais agradável, ou melhor, mais tranquila, e por vezes até com ar infantil. As músicas, tanto a de entrada quanto a de fundo da narração da história, são instrumentais.

A iluminação está sempre sobre Morgana ou Adelaide, tornando o ambiente ao seu redor menos iluminado e talvez obscuro.

Acho importante notar que apesar de todo cenário e o figurino deixarem claro que se trata de uma feiticeira, também fica explícito que Morgana não é uma pessoa maldosa, mas que tem seus momentos de bravessa como qualquer ser humano, e nesse momento a personagem se aproxima do ser humano real. Mas não podemos esquecer que uma das características que a torna distante da realidade, é que por ser uma feiticeira e de ter quase 6.000 anos, Morgana é perfeita, completa, não comete erros, sempre sabe tudo, deixa claro sua superioridade e poder². Morgana, por ser a feiticeira que é, é portadora da verdade, que ela própria constrói.

² Isto, cabe notar, mais uma vez coincide com as características da personagem lendária Morgana.

Morgana Mãe e Professora

Para termos maior clareza a respeito da personagem, segue a descrição de dois episódios: "Aventura de Cupido", quando, com muita sutileza, Morgana demonstra a superioridade de quem viveu por séculos, e "Levanta a Poeira", onde Morgana através de uma luneta observa a cidade, as pessoas e suas ações, sentindo-se no direito de julgar e interferir em suas atitudes. Antes porém, precisamos ficar atentos ao papel que Adelaide exerce em todo o diálogo. As perguntas de Adelaide, quando Morgana narra a história, são indispensáveis, pois permitem que a narrativa tenha continuidade. No intuito de que o assunto fique esclarecido para Adelaide, e portanto para o telespectador, a narrativa vai ganhando forma. Ao longo dos diálogos, sempre que achar necessário, farei algumas observações sobre seu conteúdo.

1- AVENTURA DE CUPIDO

Ad. – Morgana, vai ter festa é? Você vai ganhar um prêmio então?

M. – Ah, Ah!!

Ad. – Porque você está se arrumando toda?

M. – Por que me deu vontade de usar esta capa.

Ad. – Só isso?

M. – Só isso! Porque? As pessoas precisam explicar porque tem suas vontades? Você! Você sabe porque tem vontade de comer brigadeiro de vez em quando?

Ad. – Realmente, não!?!

M. – Oh! Ou muito me engano, e uma feiticeira como eu nunca se engana, o cupido está por perto.

Nesta frase, na expressão da atriz e na imagem e som existentes na cena, Morgana afirma com superioridade que nunca se engana, deixando claro que qualquer coisa que ela possa vir colocar é um fato incontestável.

Ad. – Cupido??!

M. – Cupido, o Deus do Amor! Adelaide, você nunca ouviu falar?

Ad. – Não, não! Como é que ele é mesmo?

M. – Ele é um menino, assim de uns seis ou sete anos, bem baixinho, com duas asinhas nas costas e que vive voando por aí com um arco e uma flecha mágica nas mãos.

Neste instante, através de uma janela aberta ao fundo da cena, a imagem do menino descrito por Morgana aparece com um sorriso irônico. A imagem reafirma a infalibilidade de suas palavras.

Ad. – Morgana, ele é um menino ou uma ave?

M. – Eu já disse que ele é um deus, Adelaide, o Deus do Amor. E os deuses, assim como as vontades, têm as formas que elas bem quiserem.

Ad. – Aahh!! Entendi! E o que o cupido faz com sua flecha mágica?

M. – Há! Há! Essa é a parte mais legal, sabe! O cupido faz tudo o que ele tem vontade. Então ele fica por aí, tal, e de repente ele vê um casal e dá uma flechada... bem no meio do coração deles! Sabe Adelaide, a flechada passa por um e depois passa pelo outro e ... óóóóhhh!!!

Ad. – E aí eles morrem, é?

Às vezes, as colocações de Adelaide são análogas às de uma criança, o que faz com que estas suas interferências sejam pertinentes para a compreensão de idéias mais abstratas ou simbólicas.

M. – Não, claro que não! A flecha de cupido é diferente, ela é invisível e não mata ninguém, muito pelo contrário, Adelaide, você sabe o que acontece com um casal quando ele é flechado pelo cupido?

Ad. – Não tenho a menor idéia!

M. – Eles se apaixonam!!! Imediatamente!!!

Ad. – Ah! Mas que travesso esse cupido!

M. – Ele é muito travesso mesmo. Uma das coisas que ele mais gosta é ficar por aí com os olhos vendados atirando suas flechas a torto e a direito formando os pares mais engraçados. É por isso que dizem que o amor é cego!

Ad. – E ele existe mesmo, é?

M. – Ah! Não sei Adelaide, isso é coisa que os antigos contam para explicar o amor.

Ad. – Porque você acha que ele está por perto?

M. – Intuição!

Ad. – Porque?

M. – Porque?! Você está parecendo o Zequinha! Desde quando uma feiticeira tem que explicar suas intuições?

Novamente, aqui Morgana demonstra a superioridade de que dispõe devido à sua condição de feiticeira, o que a coloca em uma posição hierárquica não apenas de superioridade, mas também de inquestionabilidade. Esta postura manifesta pela personagem mostra-se inclusive como oposta à postura que se busca transmitir em outro quadro do programa, o “Porque Sim Não É Resposta”.

Ad. – Tá bem, tá bem! Já entendi! Mas se o cupido está por perto, o Castelo corre perigo! Ele pode fazer a gente se apaixonar uns pelos outros!

M. – E isso é ruim?

Ad. – Não é?

M. – Claro que não! Apaixonar-se é uma coisa maravilhosa! O amor, Adelaide, é a melhor coisa do mundo! Lá, lá, lá lar!!!

Ad. – Ai, Morgana, acho que vou me arrumar também.

M. – Vai sair?

Ad. – Ai, Morgana, não! Me deu vontade de me arrumar. Desde quando uma gralha precisa explicar suas vontades?

M. – Ah, então eu vou ajudá-la, querida! Um instantinho! Um detalhe aqui na orelhinha, um pouquinho de pó, pó de arroz ...

Ad. – A ... A ... Atchin!!!

M. – Um perfuminho, olha que linda que você está!!!

2- LEVANTA A POEIRA

O episódio tem início quando o “Relógio” anuncia: “*Morcego Rafazana e CompanhiaEstá na hora daFeitiçaria!!!!*”, a câmera passa para o lado de fora do castelo onde o telespectador avista o aposento localizado na torre do castelo, acompanhada de uma música de suspense.

Morgana está olhando de seu quarto através de uma luneta as pessoas da cidade. Ela vê um monte de lixo jogado na rua e, com expressão de tristeza e desapontamento, olha para a câmera e diz:

-- *Mas o que é isso , ôh, que horror!!! Que horror, ôh que horror!!!*

Ad. – O que? O que? O que?

Morgana olhando para a luneta novamente vê um menino que joga uma lata no lixo e erra, a lata caindo no chão e o menino não voltando para jogá-la no lixo. Morgana volta os olhos para a câmera e com uma expressão de desapontamento e raiva, destacada pela maquiagem, continua dizendo: *Que horror, ah, que horror!!!*

Ad. – Ah, mas o que está acontecendo Morgana?

Ela chama Adelaide sem tirar os olhos da luneta vê um homem jogando jornal no chão que já estava cheio de lixo.

M. – Venha ver Adelaide com seus próprios olhos.

Adelaide dirige-se à luneta e vê mais lixo e mais sujeira e diz:

-- *Ah, que horror , que horror !!! AAAhhhh!!!!*

M. – Deixa ver, deixa ver?

Neste momento Morgana vê um homem em frente a um cesto de lixo jogar um papel no chão e outro homem jogar uma garrafa plástica e diz:

-- *Nossa mas é verdadeiramente um bando de porquinhos. Nossa Adelaide, veja quanta sujeira, meu Deus ! Aquilo ali dá até doença. Nossa , ah oh que feião, chupou uma bala e jogou o papel no chão. Ora que é isso? Olha aquele outro!*

Neste momento aparece um menino em frente ao cesto de lixo jogando uma casquinha de sorvete no chão.

M. –Uma casquinha de sorvete? Mas o que é isso gente? Uma latinha de refrigerante? Não é possível

Aparece uma menina jogando uma latinha no chão.

Ah! Mas ;é terrível mesmo!!

Outra criança jogando papel no chão

Ad. – Será que as pessoas gostam de sujeira ,é?

Morgana senta no seu suntuoso divã vermelho e continua o diálogo com Adelaide.

– *Claro que não Adelaide, ninguém gosta de sujeira. Mas é que as pessoas não pensam que a cidade é como nossa casa. É um lugar pra gente brincar, pra gente passear. Quanto mais limpinha estiver melhor.*

Ad. – Quer dizer, quando alguém suja a cidade está sujando o lugar que é dela também?

M. – Exatamente, se todo mundo pensasse assim, ninguém ia jogar lixo no chão, não é?!! Mas eu vou dar um jeitinho nisso! Rabo de toupeira, cabeça de bicho, pegue essa sujeira e jogue-a no lixoooooo!!!!!!!

A magia cai sobre as mesmas pessoas que jogaram os objetos fora do lixo, de modo à ação ser retrocedida e os objetos voltarem às mão das pessoas, as quais, num passe de mágica, se conscientizam e jogam sua sujeira no lixo. Como se Morgana parasse o tempo, modificando as ações que deseja.

Morgana olha pela luneta e constata o efeito de sua mágica, soltando uma gargalhada de satisfação com seu feito.

M. – Ah, que beleza agora está muito melhor, está tudo tão bonito, tão limpinho.

Ela volta-se para Adelaide com uma voz misteriosa, com olhar suspeito e diz:

– *Adelaide, eu vou aproveitar esse meu instinto de limpeza e vou te dar um banho.*

Ad. – Ai não, não!!!!

A partir destas descrições, podemos identificar como a partir do lado feiticeira de Morgana emerge seu lado mãe e professora. É nítido nas passagens acima o quanto, por ser feiticeira, Morgana detém uma superioridade que lhe atribui ao mesmo tempo a **autoridade** e a **detenção da verdade**. Vê-se como não somente a personagem tem o perfeito discernimento do certo e do errado, ela também determina, à revelia, o rumo dos acontecimentos e ações das pessoas, de acordo com o seu julgamento, o qual, como dito, é infalível. Por ter a verdade em si que ela se imputa o direito de vigiar e punir.

A autoridade e a verdade da personagem conferem a Morgana o papel do professor e principalmente da figura materna. Está sempre presente no Castelo, passa para seu sobrinho Nino regras da boa educação, recebeu de forma cordial as crianças (Pedro, Biba e Zequinha) na primeira vez em que elas foram ao Castelo, também repreende Nino quando está errado.

A veracidade de Morgana é também evidente no seu papel de narradora de histórias. Nos episódios contados por Morgana nota-se a autoridade e a veracidade por ter estado presente e portanto testemunhar o acontecimento histórico. A veracidade de uma história torna-se difícil de ser refutada quando quem a conta afirma tê-la presenciado e dela ter participado. Portanto ela é testemunha do fato, viu com seus próprios olhos. Concordo com Bloch (s/d, cap.2, p.47), quando cita um cabo de guerra que vai relatar sua vitória, foi ele quem concebeu o plano da batalha, dirigiu, pode contar quase toda a batalha que viu com seus próprios olhos. "Mas não tenhamos dúvidas: em mais de um episódio essencial, terá forçosamente de recorrer a relatórios dos seus oficiais".

Não apenas pelo fato de Morgana ter "testemunhado" os eventos que narra, a veracidade de suas palavras é garantida também pelo uso de recursos de imagens, sons, e objetos pertencentes à personagem de quem ela relata a história³. Além desses recursos, as expressões corporais e faciais de Morgana são constantes, sempre dirigindo os olhos para a câmera que a segue a todo momento em que fala. Ela conversa "olhos nos olhos" com o telespectador garantindo confiabilidade e segurança. Eco (1984, p.187), diz que: "Quem olha para a telecâmera é colocado à frente do espectador, este percebe que aquele se dirige exatamente a ele, através dos meios da tevê, sugerindo implicitamente, que a algo de "verdadeiro" na relação que está sendo instituída, independentemente do fato de que ele esteja prestando informações ou contando simplesmente uma história fictícia. É como se dissesse ao espectador: "Eu sou uma personagem fantástica, estou realmente aqui e estou de fato falando com você".

E enfim, por todas suas ações, suas palavras, tom de voz, seus gestos, expressões e postura, Morgana torna-se incontestável, assim como as figuras da mãe e do professor, nas formas em que estas são transmitidas para a criança, são também incontestáveis.

³ Ver vídeo, 3º episódio: *Com que roupa eu vou*.

A postura autoritária e superior da personagem existe não apenas para garantir a sua verdade e portanto a verdade de suas histórias. Mais do que isso, esta postura, advinda do papel de uma feiticeira com quase 6000 anos, vem para confirmar o papel da mãe - pois no modelo tradicional a figura materna é aquela que deve estar sempre presente, transmitindo confiabilidade e regras de boa educação - e também o papel da professora que se tem por modelo - aquela que detém o conhecimento e sempre tem as respostas para os questionamentos das crianças. Mas se concentrarmos nossos olhos nestes três papéis, podemos verificar que um complementa o outro, ou melhor, que um faz parte do outro, compondo as principais características da personagem que assim sintetiza a essência da figura feminina no conjunto do programa.



BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVICH, Fanny- "Então crianças, Vamos discutir televisão?", "Que tardes de TV...", in *O Estranho mundo que se mostra às crianças*. São Paulo, Summus, 4ª . Edição, 1983, pp. 113-134.
- ALMEIDA, Milton José de. *"Imagens e sons: a nova cultura oral"*. São Paulo, Cortez Editora, 1994.
- ANDRADE, Carlos Drumont. "O estranho caso de 2 e 2", in *Os dias lindos- Crônicas*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1990, pp173-174.
- ARENDT, Hannah. *"Entre o passado e o futuro"*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2ª Edição, 1972 , coleção Debates. p. 221-281.
- BACHELARD, G. "Introdução – Imaginação e mobilidade", in *O Ar e os sonhos- ensaio sobre a imaginação do movimento*, São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- _____. "Os devaneios voltados para a infância", in *A poética do devaneio*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- _____. "A casa. Do Porão ao sótão-O Sentido da Cabana", in *A poética do espaço*, São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- BENJAMIN, Walter. "O narrador", in *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1993, 6ª edição.
- BLOCH, Marc. "A observação histórica". in *Introdução à História*, 6ª edição Portugal, Publicações Europa-América, s/d.
- CALVINO, Ítalo. *"O Visconde Partido ao Meio"*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1951.
- _____. "A forma do espaço", in *As Cosmicômicas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

CANETTI, Elias. "A inversão do temor do contato", "A domesticação das massas nas religiões universais", "O ritmo", in *Massa e Poder*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

_____. "Realismo e nova realidade", "Acesso de Palavras", in *A consciência das palavras*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CARNEIRO, Vânia Lúcia Q. "O Educativo como Entretenimento na TV Cultura", dissertação de doutorado, Faculdade de Educação-FE, Universidade de São Paulo, maio/1997.

CORTÁZAR, Júlio. "Manual de instruções", in *Histórias de Cronópios e Famas*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1994, 5ª Edição.

ECO Umberto. "Apocalípticos e Integrados", São Paulo, Editora Perspectiva, 1970, coleção Debates.

_____. "TEVÊ: A Transparência perdida", in *Viagem na Irrealidade Cotidiana*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1984.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. "A mídia zero ou porque todas as queixas referentes à televisão são desprovidas de sentido", in *Mediocridade e Loucura-outros ensaios*, São Paulo, Editora Ática, 1995.

LOBATO, Monteiro. "O filósofo chinês", in *A chave do tamanho*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1992, 36ª Edição.

MARCONDES FILHO, Ciro, *Quem manipula quem? Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes Editora, 1987, Capítulos 3 e 4.

MARTIN, Marcel. "As características fundamentais da imagem fílmica", "O papel da câmera" in *A Linguagem Cinematográfica*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.

MEIRELLES, Cecília. "Alice no país das maravilhas", in *Problemas de Literatura Infantil*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1984.

- PAZ, Octávio. "A nova analogia: poesia e tecnologia", "O pacto verbal-televisão: cultura e diversidade", "Literatura e Literalidade", in *Convergências. Ensaio sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1991.
- ROCCO, Maria Thereza F., "*Linguagem autoritária: televisão e persuasão*", São Paulo, Editora Brasiliense, 1989.
- ROLNIK, Suely, *À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia*, Editora Vozes, 3ª Edição, 1993
- SAHLINS, Marshall. "Estrutura e História", in *Ilhas de História*, Rio de Janeiro, J. Zahar Editor, 1990.
- VELHO, Gilberto. "Projeto, Emoção e Orientação em Sociedades Complexas", in *Individualismo e Cultura - Notas para uma antropologia da Sociedade Contemporânea*, Rio de Janeiro, J. Zahar Editor, 2ª . Edição, 1987, pp.7-34.